

**O GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL NA SAÚDE MENTAL: A ATIVIDADE
COMO POTENCIALIZADORA DE SOCIABILIDADE E PROTAGONISMO**

**The occupational therapy group on mental health: the activity as a potentializer of
sociability and protagonism**

Mara Cristina Ribeiro¹

Jéssica Bazilio Chaves²

Rita de Cássia Oliveira Silva³

Tatiane de Andrade Pereira⁴

* Relato de experiência apresentado nos seguintes eventos: XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, no Rio de Janeiro, em outubro de 2015 e no XI Congresso Norte e Nordeste de Terapia Ocupacional, em Fortaleza, em outubro de 2016.

¹ Terapeuta Ocupacional, Doutora em Ciências, Professora Titular da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Maceió, Alagoas, Brasil.

² Terapeuta Ocupacional, Mestre em Psicologia, Coordenadora da Atenção Básica da Secretaria Municipal de Murici, Alagoas, Brasil.

Universidade Federal de Alagoas. Maceió, Alagoas, Brasil.

³ Terapeuta Ocupacional. Secretaria Municipal de Saúde de Rio Largo. Alagoas, Brasil.

⁴ Terapeuta Ocupacional. Secretaria Municipal de Saúde de Satuba. Alagoas, Brasil.

Endereço para correspondência: Mara Cristina Ribeiro. Rua Jarsen Costa, 12 Guaxuma CEP 57038731 Maceió Alagoas. E-mail: maracristibeiro@gmail.com

Contribuições na elaboração do artigo

Ribeiro MC e Chaves JB contribuíram na concepção, elaboração, revisão crítica e aprovação final da versão a ser publicada.

Silva RCO e Pereira TA contribuíram com a elaboração e qualificação do artigo até a sua versão final.

O artigo é original, inédito e não está sendo avaliado por nenhum outro periódico para publicação.

RESUMO

Partindo da necessidade de um serviço de saúde mental, que reformulava suas ações terapêuticas objetivando mudanças necessárias para a qualificação do cuidado, somado à parceria da instituição com um curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública, o texto relata a experiência de constituição e desenvolvimento de um Grupo de Terapia Ocupacional em um Centro de Atenção Psicossocial. No corpo dessa narrativa são trazidas experiências da formação e do desenvolvimento do grupo, bem como algumas transformações facilitadas por meio das atividades e das ações dos terapeutas ocupacionais e estudantes envolvidos nesse processo. Essa construção terapêutica, que utilizou a atividade como elemento intermediário do cuidado, pôde oferecer vivências singulares aos indivíduos e ao grupo. Os participantes, a partir da ressignificação do fazer nesse contexto, puderam ampliar suas trocas sociais e afetivas, experimentar sentimentos de pertencimento na coletividade e percepção de seus potenciais criativos. Ao final do relato considera-se que as práticas desenvolvidas em serviços de cuidado à saúde mental abertos e comunitários possibilitam processos de transformação, pois ofertam espaços voltados para a produção de vida, de sentido e de sociabilidade.

Descritores: Terapia Ocupacional; Saúde Mental; Grupos; Terapêutica; Serviços de Saúde Mental.

ABSTRACT

Based on the need of a mental health service, that reframed their therapeutic actions aiming changes necessary for the qualification of care and a partnership with an Occupational Therapy course of a public university, the paper reports the experience of constitution and development of an Occupational Therapy Group in a Psychosocial Care Center. In the body of this narrative, experiences of group formation and development are brought along with some transformations facilitated through the activities and actions of occupational therapists and students involved in this process. This therapeutic construction, using the activity as an intermediary element of care, could offer unique experiences to individuals and the group. Participants from the practice of making in this context, could expand their social and emotional exchanges, experience feelings of belonging and awareness of their creative potential. At the end

of the report, it is considered that the practices developed in open and community mental health care services enable transformation processes, since they offer spaces geared to the production of life, meaning and sociability.

Descriptors: Occupational Therapy, Mental Health; Groups; Therapeutics; Mental Health Services.

INTRODUÇÃO

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços comunitários, integrados à Rede de Atenção Psicossocial, sendo referência do cuidado no Sistema Único de Saúde para pessoas com experiência de sofrimento mental grave e persistente.

São constituídos por equipe multiprofissional e têm como objetivos ofertar cuidado na perspectiva da clínica ampliada, garantindo o exercício de cidadania e a inclusão de usuários e familiares em seus territórios de vida.

Para este fim, os CAPS, além de atendimentos individuais, realizam atividades coletivas, como grupos terapêuticos, grupos de família, atividades comunitárias que podem ser desenvolvidas no espaço do serviço e/ou nos contextos de vida das pessoas¹.

Esses recursos são essenciais por oferecem novos “acazos” de enlaçamento social e, quanto mais diversificados forem os tipos de grupos, oficinas e demais procedimentos grupais, mais oportunidades serão geradas, facilitando mecanismos de habilitação social, que devem ser permanentes nesses serviços².

De modo geral, os grupos se caracterizam como reunião de pessoas em torno de uma tarefa e de um objetivo comum, constituindo-se como nova entidade com leis e mecanismos próprios³.

No entanto, no caso específico do uso da estratégia grupal no campo da saúde mental, o grupo passa a ser um dispositivo que mobiliza processos de subjetivação, deixando de ser o modo como os indivíduos se organizam para ser um “catalisador existencial que poderá produzir focos mutantes de criação”⁴, propiciando novos acontecimentos e acentuando o emergir de territórios existenciais da ordem do coletivo e não mais da ordem do individual.

Os processos de intervenção da Terapia Ocupacional (TO) têm como instrumento o planejamento e a execução de atividades, nesse sentido, no contexto do atendimento grupal, os sujeitos compartilham tempo, espaço e um fazer por meio de interações que geram encontros, entrecruzamentos e conexões entre universos subjetivos e singulares, propiciando expressões carregadas de significações⁵.

Assim, o Grupo de Terapia Ocupacional tem em sua especificidade o uso da atividade com o objetivo de facilitar processos dialógicos; ampliar potencialidades individuais e coletivas; protagonizar experimentações e reflexões; possibilitar a

expressão de sentimentos e emoções; melhorar a construção de vínculos; e, aumentar a autonomia e a motivação.

O terapeuta ocupacional, dentro dessa perspectiva, se coloca como mediador atento aos seus componentes, disponível para possibilitar os processos criativos e, sobretudo, potencializar as ações de autonomia do grupo e de cada sujeito ali presente⁶.

O trabalho aqui apresentado relata a experiência de constituição e desenvolvimento de um grupo de TO em um desses serviços, elaborado a partir da parceria entre uma universidade pública e o serviço. No corpo desse relato, são expostas as transformações intermediadas pelas atividades e as ações terapêuticas facilitadas por terapeutas ocupacionais e estudantes.

METODOLOGIA

Trata-se de relato de experiência referente ao desenvolvimento de um grupo de terapia ocupacional resultado da parceria serviço-ensino em um CAPS localizado em um município de médio porte da região nordeste do Brasil.

A experiência relatada foi impulsionada a partir de dois principais eventos:

- 1) A realização de avaliação dos processos de trabalho desenvolvidos no CAPS e o desenvolvimento de supervisão clínico-institucional, operacionalizados pela Direção Estratégica da Secretaria da Saúde do município;
- 2) A parceria firmada entre a coordenação do curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública e a Secretaria Municipal de Saúde: a partir desta parceria, o CAPS passou a compor um dos cenários de aulas práticas da disciplina de Terapia Ocupacional Aplicada à Saúde Mental.

O processo descrito refere-se às intervenções realizadas entre fevereiro a outubro de 2015. Durante este período, estudantes do 4º ano do curso de Terapia Ocupacional, em conjunto com monitores do 5º ano, uma docente e duas terapeutas ocupacionais do serviço desenvolveram ações terapêuticas com usuários que passaram a frequentar o grupo de terapia ocupacional.

A participação dos estudantes se deu da seguinte forma: inicialmente a turma foi dividida em 2 grupos, compostos por 12 estudantes cada, estes realizaram visitas ao serviço, observando algumas atividades abertas coordenadas por membros da equipe técnica, conversando com os terapeutas ocupacionais do serviço e usuários

e participando das atividades festivas; depois a turma foi novamente dividida em grupos de 3 estudantes, estes frequentaram o serviço uma vez na semana, durante um mês, e tinham como atividade principal participar do grupo de terapia ocupacional.

As atividades propostas no grupo eram elaboradas pelos coordenadores (as terapeutas ocupacionais do serviço e a docente) em conjunto com os estudantes envolvidos. Como esse processo envolvia além da intervenção clínica, o ensino-aprendizagem, todas as propostas eram descritas em um roteiro contendo as seguintes informações: nome da atividade, objetivos, descrição/procedimentos, aplicação/estratégias, materiais utilizados, resultados esperados e resultados alcançados.

A dinâmica grupal envolvia três momentos distintos:

- aquecimento: os participantes, por meio de dinâmicas curtas, em média de 15 minutos, eram estimulados a direcionar a sua atenção para o momento grupal;
- atividade principal: eram desenvolvidas atividades indicadas pelas coordenadoras ou escolhidas pelo grupo e tinham duração média de uma hora; e
- compartilhamento: acontecia ao final de cada encontro, os participantes relatavam em roda quais as impressões, sentimentos despertados e como eles avaliavam a atividade realizada no dia.

Ao final de cada encontro, após a saída dos usuários, realizava-se uma discussão entre os coordenadores e estudantes para a avaliação da atividade desenvolvida, fazendo um paralelo entre os objetivos traçados e os alcançados; também eram analisados o envolvimento e o processo de execução da proposta de cada usuário e essas informações eram descritas em seu prontuário.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

O município em que a experiência relatada foi desenvolvida é o segundo no Estado que mais realiza internações psiquiátricas, ficando apenas atrás da capital. Na composição de sua Rede de Atenção Psicossocial ele dispõe de apenas 1 CAPS II, 1 Ambulatório de Saúde Mental e 6 leitos masculinos para transtornos mentais em Hospital Geral.

Com a mudança da gestão na Secretaria Municipal de Saúde, foram priorizadas transformações no campo da saúde mental com o propósito de

diminuição do número de internações psiquiátricas e estímulo à qualificação do cuidado nos serviços de saúde mental territoriais, compondo, dessa forma, o processo de reorientação do cuidado, que deveria passar a ser desenvolvido na comunidade, tendo como referência o CAPS.

Para tanto, foram criadas estratégias para facilitar esse processo: contratação de supervisor clínico-institucional para a qualificação dos processos de trabalho do CAPS e efetivação de parceria entre Universidade e serviços para fortalecimento de ações integradas entre o serviço, o ensino e a comunidade.

Com o desenvolvimento dessas intervenções foi possível detectar no CAPS a prevalência de processos de trabalho no modelo psiquiátrico, com ações priorizadas no saber codificado de cada profissão, sem reuniões técnicas, nem atividades organizadas de forma sistemática e interdisciplinar ou ações territoriais que estivessem dentro da perspectiva da Atenção Psicossocial.

Verificou-se, por exemplo, que a maior parte das atividades desenvolvidas no serviço era distrativa, sem objetivos terapêuticos, com o propósito geral de ocupar o tempo dos sujeitos que se encontravam no serviço.

Desta forma, com a reformulação das ações terapêuticas, por meio de reuniões semanais da equipe em conjunto com a supervisão clínico-institucional para planejamento das mudanças necessárias para a qualificação do cuidado, indicou-se a necessidade de ofertar grupos específicos com o objetivo de proporcionar processos terapêuticos mais pertinentes às necessidades dos usuários, na tentativa de conhecer as singularidades presentes e proporcionar espaços de inclusão em seus territórios de vida.

Á vista disso, foi proposto ao serviço a criação de grupos terapêuticos como oficinas terapêuticas, grupo de psicoterapia, grupo de terapia ocupacional, reunião de familiares com a participação dos usuários, visitas domiciliares, atividades nos espaços comunitários, entre outros.

Com relação à atuação da Terapia Ocupacional no serviço, até as mudanças apontadas acima, ela funcionava como as demais atividades ofertadas, sem dia da semana ou horário previsto, direcionada a todos os usuários que se encontravam no CAPS e aceitassem participar e, também, como forma de distração e ocupação do tempo.

Assim, em discussões entre a supervisão clínico-institucional, a coordenação do serviço, a equipe técnica, os dois terapeutas ocupacionais e a participação da

docente da universidade, foi proposta a constituição do grupo específico de TO, que deveria ser frequentado por usuários considerados em sofrimento mental grave, que apresentassem dificuldades significativas nas suas trocas cotidianas e autonomia precária diante dos seus cenários de vida.

Parte significativa dos usuários selecionados pela equipe para participar do grupo de TO tinha necessidade de permanência intensiva, pois se encontrava em crise ou tinha iniciado tratamento no serviço a partir do processo de desinstitucionalização realizado em hospitais psiquiátricos da região, no entanto, apesar de permanecerem muitas horas no CAPS, estes usuários tinham como característica comum a recusa em participar de espaços grupais, preferindo o isolamento ou atendimentos individuais.

Assim, foram selecionados 12 usuários que passaram a se encontrar 01 vez por semana, em dia e horário específicos, em uma sala apropriada para a realização do grupo. A duração dos encontros era em média de uma hora e meia.

Em sua estrutura, o grupo relatado se constituiu como semi-aberto, intermediário, caracterizado como grupo de atividades⁷.

Sanadas as dificuldades iniciais para que os usuários indicados pela equipe aceitassem participar do grupo, foram desenvolvidas atividades com o objetivo de trabalhar o fortalecimento dos sujeitos referidos ao seu protagonismo, à autoestima, bem como à formação e consolidação da relação grupal.

Assim, foram propostas atividades que estimulassem a expressão individual possibilitando que a experiência resultante desse processo pudesse ser compartilhada no grupo.

Nesse período inicial, foram elaboradas atividades com diferentes objetivos e procedimentos, mas sempre tendo como proposição principal a ampliação dos vínculos, trocas sociais, aprofundamento das relações interpessoais e estímulo à exploração dos materiais ofertados. Nesse mesmo sentido, foram oferecidos materiais e proporcionadas discussões para o conhecimento e a ampliação do universo cultural e artístico dos participantes.

Após algumas semanas foi estimulado aos participantes usuários que eles sugerissem 10 atitudes que todos deveriam ter e respeitar no desenvolvimento do grupo, como uma forma de contrato entre usuários, estudantes e coordenadores. As 10 atitudes sugeridas foram: 1. Presença; 2. Dedicção; 3. Compromisso; 4. Força

de vontade; 5. União; 6. Atenção; 7. Autenticidade; 8. Ideias; 9. Falar e ouvir; e, 10. Sigilo.

A partir daí, foi-se fortalecendo as identidades, aumentando a autonomia por meio de processos de produção criativa e de transformação individual e coletiva.

Argila, tinta, papel, tesoura, lápis, jogos, música, dança, poesia, mensagens entre tantos outros elementos passaram a fazer parte dos encontros e, a partir das trocas materiais, foram possibilitadas outras trocas, mais subjetivas e mais sutis, como a troca de olhares, as histórias de vidas, as experiências afetivas e a construção de novas interações.

À medida que o vínculo foi fortalecido, o ambiente revelou-se confiável e o fazer passou a ser pertinente ao repertório ocupacional dos participantes. As intervenções também se alteraram, sendo mais focalizadas nas relações interpessoais e mais carregadas de sentido e, a partir desse momento, fenômenos transferenciais, de ressonância e coesão grupal começaram a surgir, observando-se maior autonomia e espontaneidade, além de melhor manejo com as situações conflitantes do grupo e do dia a dia.

As atividades, dessa forma, puderam sair do plano individual e serem planejadas e executadas pelo grupo, proporcionando a experiência de trocas coletivas.

Desta forma, os coordenadores passaram a dirigir suas ações no sentido de oportunizar novas vivências, propiciando ao ato do fazer novos sentidos e sentimentos, pôde-se observar, a partir disso, que o grupo passou a ser vivenciado por seus integrantes como um meio confiável e propiciador de exploração do mundo, assumindo, dessa forma, uma função de espaço potencial⁷ para ampliação de possibilidades de intervenção.

A ATIVIDADE COMO ELEMENTO INTERMEDIÁRIO DO CUIDADO

Em uma das atividades propostas, em que foi apresentada por um dos participantes uma história sobre os vasos e suas funções ao longo da existência, ao ser desenvolvida uma discussão sobre o texto, notou-se que muitos referiram sentir-se como “um vaso quebrado e jogado em qualquer canto”, sendo considerado pelas terapeutas ocupacionais, coordenadoras do grupo, que era preciso trabalhar de forma mais aprofundada essa autorreferência, com o objetivo de ressignificá-la.

Diante dessa compreensão, foi trazido um vaso de terracota grande e proposto que o grupo planejasse como ele poderia ser transformado para ser valorizado. Desta forma, o grupo trabalhou com pesquisa sobre pintura em vaso, foram discutidas as modalidades de pintura concreta e abstrata, entre outros aspectos para que o grupo pudesse iniciar a transformação daquele objeto.

A partir daí, durante 04 meses, o grupo se debruçou nessa atividade. Primeiro foram feitas experimentações individuais de como o vaso poderia ser ornamentado e depois o grupo passou a discutir, em conjunto, como aproveitar todas as ideias surgidas no plano individual para o plano coletivo.

A mobilização do grupo para a transformação do vaso propiciou a construção de vínculos mais efetivos e afetivos. Foi preciso planejar coletivamente a produção, valorizando cada ideia, respeitando todas as expressões e harmonizando o vaso dentro desta perspectiva. Assim, a partir do planejamento e organização inicial das propostas surgidas de todos os componentes, partiu-se para a fase da produção do objeto concreto: o vaso.

Nessa etapa, o grupo teve que testar possibilidades, aceitar erros, discutir e decidir os passos a serem dados, criar estratégias para alcançar metas, estabelecer funções, lidar com as expectativas e frustrações e valorizar o potencial surgido de cada um.

Com o término da pintura do vaso, foi proposta uma avaliação da atividade, em que os componentes foram convidados a construir um gráfico com os sentimentos surgidos no início do processo e ao final dele.

Verificou-se que sentimentos como medo, angústia, ansiedade, insegurança, incapacidade, que foram os mais citados como sentimentos que surgiram no início do processo, foram substituídos, na avaliação do final do processo, por sentimentos como alegria, bem-estar, força de vontade.

Interessante notar que expressões como colaboração e acolhimento, que não apareceram na avaliação do início do processo, foram citadas ao final por alguns participantes.

Destarte, a partir dessa experiência de grupo - enquanto dispositivo terapêutico e a relação estabelecida entre seus componentes e seus objetivos - essas pessoas passaram a acreditar mais em suas potencialidades, na contingência de compartilhamentos grupais, na conquista de desafios, na possibilidade de resolução de dificuldades.

Após a finalização da experiência de produção/transformação do vaso, o grupo se reuniu para decidir o que fazer com ele - é preciso apontar que nesse momento o grupo se encontrava com características bastante diferentes do início.

Como foi indicado pelo próprio gráfico, mas também pela expressão de seus participantes, o grupo estava mais fortalecido, empoderado, com determinação, mais seguro e potente após o desenvolvimento da atividade e o resultado positivo da produção/transformação.

Portanto, com essa expansão (mesmo que ainda pequena) de suas redes, várias ideias surgiram para o destino do vaso: rifá-lo ou vendê-lo, sorteá-lo entre os componentes, revezar a sua permanência nas casas de todos os participantes...

Após alguns dias de discussão, a decisão do grupo foi que o vaso ficaria no CAPS, para que todos os usuários e familiares pudessem vê-lo. Nessa decisão está implícita a ressignificação de como esse coletivo passou a se perceber após a experiência. Não mais havia a auto-referência ao “vaso quebrado e jogado em qualquer canto”, outras associações mais potentes puderam emergir.

Assim, ao final desse processo, foi discutida a possibilidade de se iniciar com os componentes desse grupo, acrescido de outros usuários do CAPS, uma oficina de pintura de vasos com fins de geração de trabalho e renda.

DISCUSSÃO

Essa construção, que utiliza a atividade como elemento intermediário do cuidado, tem oferecido vivências singulares aos indivíduos e ao grupo coordenado por terapeutas ocupacionais. Os participantes, a partir da prática do fazer neste setting, vêm ampliando suas trocas sociais e afetivas, experimentando sentimentos de pertencimento e percepção de seus potenciais criativos.

A intervenção por meio da atividade atua no interior de um campo cultural que produz um saber-fazer inserido em um território coletivo, esse fazer propicia movimentos de transformação que possibilita o surgimento de novos territórios⁸.

A possibilidade do fazer atividades na perspectiva terapêutica ocupacional oportuniza uma série de mudanças que reverbera na cotidianidade dos sujeitos e contribui para que a vida coletiva e as existências individuais sejam mais interessantes, abertas e criativas⁹.

A experiência aqui relatada adquire ainda mais sentido se a tomarmos, como propõe Merhy¹⁰, como trabalho vivo em ato, considerando que o trabalho no campo

da saúde mental, quando dirigido às proposições de produção de desejos, redes inclusivas e novos sentidos para o viver no âmbito social, permite que vida produza vida, impulsionando autonomia, possibilidades desejantes e redes sociais inclusivas.

Os participantes do grupo terapêutico ocupacional, ao desenvolverem atividades que se entrecruzam entre o individual e o coletivo, vão sendo estimulados, dentro de um ambiente confiável, a reorganizarem-se diante de novos desafios. Assim, nesse setting terapêutico, ao mesmo tempo em que o grupo vivencia a potencialidade de transformação dos objetos que circulam entre as mãos de seus componentes, também vivencia a ampliação da potencialidade de transformação da vida de todos que direta ou indiretamente se envolvem em suas produções.

É preciso apontar, no entanto, que não se pode descolar essa prática do contexto em que ela foi desenvolvida, ou seja, o fato dessa vivência estar inserida em um Centro de Atenção Psicossocial que se esforçava para reformular suas ações na qualificação do cuidado ofertado, foi o que possibilitou e potencializou o processo de transformação dos envolvidos, pois as proposições de cuidado em saúde mental nos serviços abertos e comunitários tiram do foco a doença e passam a focar o sujeito, ofertando espaços voltados para a produção de vida, de sentido, de sociabilidade, de transformação dos espaços de não convivência em espaços coletivos¹¹.

Outro aspecto importante a ser mencionado são os benefícios alcançados pela articulação entre a Universidade e os serviços. A presença de um programa de ensino dentro dos serviços de atenção psicossocial colabora tanto para a atualização dos profissionais da instituição quanto para a formação dos novos profissionais⁹, o que pode garantir serviços mais alinhados com as políticas públicas de saúde mental e ações comprometidas com as novas proposições do cuidado em saúde mental.

CONCLUSÃO

Para que processos de trabalho no modelo psicossocial sejam efetivados é necessário que a equipe de trabalho dos serviços de saúde mental comunitários tenha como objeto de suas ações o sujeito em seus contextos de vida, sendo priorizado o cuidado em saúde de forma ampliada, objetivando autonomia, protagonismo e emancipação.

A Terapia Ocupacional, nesse sentido, se constitui como uma das estratégias de cuidado ofertada e sua ação terapêutica deve estar engajada com todas as demais intervenções.

A presença da Universidade no serviço e sua integração nas práticas de cuidado representa uma importante experiência, pois pode balizar o constante processo de reformulação que a atenção em saúde mental deve estar aliada, garantindo a qualificação contínua das intervenções desenvolvidas nos serviços, a aproximação do campo teórico validado pela prática e vice-versa e a não cristalização de posturas.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Centro de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/centros_atencao_psicossocial_unidades_acolhimento.pdf. Acesso em 03.04.2017
2. RABELO AR, MATTOS AAQ, COUTINHO DM, PEREIRA NN. Um manual para o CAPS: Centro de Atenção Psicossocial. Salvador: Departamento e Neuropsiquiatria da UFBA, 2005.
3. ZIMERMAN D. Fundamentos básicos das grupoterapias. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
4. BARROS RDB. Grupo e produção. IN: LANCETTI A. (Org.) SaúdeLoucura n. 4, Grupos e Coletivos, 2ª. ed. São Paulo:Hucitec, 2009.
5. SAMEA M. O dispositivo grupal como intervenção: reflexões a partir da prática em Terapia Ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, maio/ago; 19(2):85-90. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v19i2p85-90>
6. COSTA SL. Prefácio. IN: MAXIMINO V, LIBERMAN F (Org.) Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus, 2015.

7. BALLARIN MLGS. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em Terapia Ocupacional. IN: PÁDUA EMM, MAGALHÃES LV. (Org.)Terapia Ocupacional: Teoria e Prática. Campinas: Papyrus, 2003, p. 63-78.
8. LIMA, EMFA, OKUMA DG, PASTORE MN. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, 2013; 21(2):243-54. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322%2Fcto.2013.026>
9. RIBEIRO MC, MACHADO AL. A Terapia Ocupacional e as novas formas de cuidar em saúde mental. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 2008, mai./ago; 19(2):72-75. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v19i2p72-75>
10. MERHY EE. O CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e alívio como dispositivos analisadores. IN: MERHY EE, AMARAL H. (Org.) A reforma psiquiátrica no cotidiano II. São Paulo: Hucitec; 2007. p. 55-66
11. RIBEIRO MC. Os Centros de Atenção Psicossocial como espaços promotores de vida: relatos da desinstitucionalização em Alagoas. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, set.-dez; 24(3):174-82. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i3p174-182>